

ABRINDO FRONTEIRAS

O dia 29 de outubro de 1997 é um marco para a Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, para o Centro Universitário de Dourados e para o Curso de História: concretiza-se o lançamento da *Revista Fronteiras* e consolida-se o processo de implantação do Curso de Pós-Graduação em História, em nível de Mestrado.

O Centro Universitário de Dourados conta atualmente com um número expressivo de doutores e mestres que estão dispostos a trabalhar no Curso de Pós-Graduação em História, bem como em outros Cursos de Pós-Graduação; e que, por sua competência, têm que ser aproveitados, oferecendo à comunidade esse potencial. Por outro lado, com o lançamento da *Revista Fronteiras*, a Universidade passa a contar com mais um espaço para divulgação da sua produção científica.

A Revista foi concebida a partir da necessidade de divulgar a produção científica dos docentes e discentes (graduandos e pós-graduandos) dos Cursos de História desta Universidade, bem como de áreas afins. Ela nasce sobretudo com o objetivo de respaldar a implantação do Curso de Mestrado em História do Brasil neste Centro Universitário de Dourados.

A escolha do nome *Fronteiras* para a Revista de História deu-se por concurso. Entre as inúmeras sugestões foi escolhido pelo Conselho Editorial o nome sugerido pela acadêmica Regina Moura Portella Bessa.

Para justificar a escolha feita gostaria de refletir sobre o conceito de fronteira. Nós nos apropriamos do sentido mais amplo do termo, afastando-nos dos conceitos tradicionais que estão restritos a critérios geográficos, políticos e até mesmo históricos. Quis-se pensá-lo numa dimensão simbólica que ultrapasse inclusive aspectos concretos e localizados dos fenômenos.

Entendemos fronteira "como construção ideológica, traço cultural ou conjunto de fenômenos concretos extremamente diversos cujo único elo parece ser, por vezes, o fato de pertencerem a um mesmo campo de representações"¹. Desta forma, o termo fronteiras, quando concebido de forma ampla, define-se como aquilo que determina as relações dos elementos com seu espaço. A fronteira enquanto espaço de divisa e de delimitação também demarca diferenças, afirma identidades e origina novas necessidades de representação².

Uma fronteira dá origem a uma outra fronteira, como espaço em incorporação ao espaço global, fragmentado, caracterizando-se por sua estrutura dinâmica e geradora de realidades novas. Mikhail Bakhtine afirmou que o "ato verdadeiramente criador evolui em fronteiras", indicando para o caráter dinâmico dos deslocamentos humanos que dão origem a outras fronteiras. Desta forma, as fronteiras constantemente migram, se reelaboram e se refazem³.

O conceito, neste sentido, aponta para a multiplicidade de fronteiras e para a relatividade de sua delimitação. Onde estão exatamente os seus limites? A fronteira física ou geopolítica pode ter uma delimitação exata? Por exemplo, quando um rio separa dois territórios, a fronteira situa-se hipoteticamente no meio das águas. E a fronteira entre o bem e o mal, ou entre o belo e o feio, onde se situa o seu exato limite? E a fronteira do preconceito racial e a das diferenças culturais? No atual contexto social e político brasileiro é muito difícil, por exemplo, reconhecer a fronteira entre a honestidade e a desonestidade⁴.

¹ CARVALHAL, Tânia Franco. Comunidades inter-literárias e relações entre literaturas de fronteira. In: ANTELO, Raúl (org.). Identidade e representação. Florianópolis: UFSC, 1994. p. 93-102.

² Ibid., p. 93-94.

³ Ibid., p. 95.

⁴ MALHADAS, Zióle Zanotto. Uma leitura semiótica da fronteira: identidade e representação. In: ANTELO, Raúl (org.). Identidade e representação. Florianópolis: UFSC, 1994. p. 167-172.

Em suma, entendemos fronteira como um espaço vivo e variável que pode e deve ser preenchido, rasurado e ultrapassado⁵. Segundo CARVALHAL (1997), os limites existem para serem anulados e traçar fronteiras significa desejar ir ao outro lado⁶. Nosso desafio consiste em desmistificar as barreiras fronteiriças objetivando uma comunicação ampla e irrestrita que englobe estudos comparativos interculturais, interdisciplinares, interartísticos, interliterários, supranacionais, internacionais, entre outros. Desta forma, a *Revista Fronteiras* nasce inserida nas tendências mais renovadoras da História; ela nasce aberta ao novo, ao exercício constante da interdisciplinaridade. Sabe-se que a renovação da História foi, e continua a ser, o resultado do contato permanente com as demais ciências do homem.

Nota-se que a temática *fronteiras* foi recentemente respaldada pela Associação Nacional dos Professores de Pós-Graduação em Letras e Linguística (ANPOLL), cujo Grupo de Trabalho em Literatura Comparada estabeleceu como uma das linhas de pesquisa o eixo *limiaries críticos*, que se constitui pelo paradigma *limiaries, fronteiras, transição*⁷.

Os trabalhos reunidos no primeiro número da *Revista Fronteiras* refletem um amplo campo de pesquisas voltados para a História e para a cultura brasileira. Esses trabalhos podem ser indexados em três grandes linhas de pesquisa do Mestrado, a saber: Cultura, instituições e representações; Economia, política e movimentos sociais; História militar brasileira.

O segundo número da *Revista Fronteiras* encontra-se no prelo e já está sendo organizado o primeiro número especial, cuja temática é a questão da mulher.

Queremos fazer menção ainda à homenagem que a Revista presta aos artistas do Estado, escolhendo sempre um nome expressivo das artes sul-matogrossenses para ilustrar sua capa. O primeiro número foi ilustrado com as es-

⁵ Ver neste sentido CARVALHAL, Tânia Franco. Les passeurs et les passants : sobre a travessia de limiaries. In: Relatos de pesquisa. Salvador (BA) : ANPOLL/UFBA, 1997. p. 35-38.

⁶ Ibid., p. 36.

⁷ Conclusão do Encontro da ANPOLL - Grupo de Trabalho de Literatura Comparada, realizado na Universidade Federal da Bahia, de 28 a 30 de setembro de 1997.

culturas da artista plástica Marcella Pereira Mendes. E o segundo número segue com a pintura de Mary Slessor de Andrade.

Portanto, finalizando, agradecemos à Administração Central da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, à Editora da UFMS, ao Diretor do CEUD, e à Coordenação do Curso de História, bem como a todos os colaboradores deste primeiro número da *Revista Fronteiras*.

Jérri Roberto Marin

Mestre em História (UFRGS), professor da UFMS (Dourados)
e membro da Câmara Editorial da Revista Fronteiras.

** Discurso proferido em 29 de outubro de 1997 no anfiteatro do Centro Universitário de Dourados, por ocasião do lançamento da Revista Fronteiras, com a presença do Reitor da UFMS, Prof. Jorge João Chacha, e do diretor do Centro, Prof. Dr. Wilson V. Biasotto.*